A CONTRIBUIÇÃO DA LUDOTERAPIA NAS SALAS HOSPITALARES

LISLEY TUCCI DA SILVA

RESUMO

Nos últimos anos, um número crescente de profissionais de saúde mental observou que o brincar é tão importante para a felicidade e o bem-estar humano quanto o amor e o trabalho. Alguns dos maiores pensadores de todos os tempos, incluindo Aristóteles e Platão, refletiram sobre por que o jogo é tão fundamental em nossas vidas. A seguir, estão alguns dos muitos benefícios do jogo que foram descritos por teóricos do jogo. A terapia lúdica é uma abordagem estruturada e teoricamente baseada na terapia, que se baseia nos processos normais de comunicação e aprendizagem das crianças. Os poderes curativos inerentes ao jogo são usados de várias maneiras. Os terapeutas utilizam estrategicamente a terapia lúdica para ajudar as crianças a expressar o que as está incomodando quando não têm a linguagem verbal para expressar seus pensamentos e sentimentos. A ludoterapia, enquanto prática terapêutica baseada no brincar, tem se mostrado um recurso fundamental nas salas hospitalares, pois proporciona ao paciente infantil a oportunidade de expressar sentimentos, medos e ansiedades de maneira natural e espontânea. Ao permitir a vivência de experiências lúdicas, a ludoterapia contribui para a redução do estresse e da ansiedade provocados pela hospitalização, favorecendo o enfrentamento das situações adversas e o fortalecimento do vínculo com a equipe multiprofissional. Além disso, o uso do lúdico no ambiente hospitalar estimula a criatividade, a socialização e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e emocionais, promovendo uma recuperação mais humanizada e acolhedora. A presença do ludoterapeuta também facilita a comunicação entre a criança, seus familiares e os profissionais de saúde, criando um espaço de confiança e escuta ativa que contribui significativamente para o bem-estar global do paciente.

PALAVRAS-CHAVE: Brincar; Terapia Lúdica; Poderes Curativos

INTRODUÇÃO

Partindo-se da hipótese de que a presença e atuação de um ludoterapeuta no ambiente hospitalar são de extrema importância às crianças e adolescentes em fase escolarização, como forma de dar continuidade ao seu aprendizado, garantindo-lhes seu direito a educação e possibilitando instantes lúdicos, de descontração, bem-estar, interatividade e de compartilhamento e aquisição de novos conhecimentos, de modo a preencher seu tempo ocioso de forma sadia, através de atividades variadas, fazendo com que se "desliguem" temporariamente, do momento tão difícil que estão atravessando.

Segundo Brandão (2007, p. 10), "educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade".

Portanto, devemos considerar que ela não se restringe apenas a um espaço delimitado chamado de escola, mas que ela ocorre em toda parte em que há "redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modo de ensino formal e centralizado" (p. 13).

Brandão ainda aponta que assim como a educação independe de um espaço para acontecer, ela também não apresenta um modelo único e nem tão pouco uma única forma para acontecer, portanto, o ensino que ocorre na escola não é uma prática única e o professor também não é o único praticante do ato de ensinar.

Segundo Ceccim (1999, p.44), a possibilidade de saída do leito, bem como a proposição de atividades motivadoras e a observação de que outras crianças também vivenciam tais experiências, contribuiu para um melhor desenvolvimento e mais rápida recuperação de crianças que participaram desta modalidade de ensino.

(...) a necessidade de formular propostas e aprofundar conhecimento teóricos e metodológicos, visando em atingir o objetivo de dar continuidade aos processos de desenvolvimento psíquico e cognitivo das crian-

ças e jovens hospitalizados (CECCIM, R. B. & FONSCECA, 1999, p.117).

Segundo MATOS e MUGIATTI (2007, pag. 45), este enfoque educativo e de aprendizagem surgiu da convicção de que a criança e o adolescente hospitalizados, em idade escolar, não devem interromper seu processo de escolarização devido a este atendimento cumprir a função de estimular a continuidade dos estudos para que estes estudantes não percam seus cursos e não se tornem repetentes, ou venham a interromper o ritmo de aprendizagem; assim, consequentemente, sem dificultar a recuperação de sua saúde.
O espaço formal pode ser estruturado a partir da ideia da autora Maria da Glória Gohan (2006), quando aborda que estes ambientes são normatizados, regrados, preocupados com o ensino e a aprendizagem de conteúdo. São metódicos e necessitam de alguém que ministre (professor) assim como de um espaço específico.
O ludoterapeuta possui um papel importante na educação brasileira. Atualmente surgiram novos campos de atuação para este profissional, a classe hospitalar é um destes espaços.

CLASSES HOSPITALARES
Além de cumprir o direito de toda criança e adolescente à educação, as salas de aula do hospital às vezes fazem parte da terapia que ajuda as crianças a entender e lidar com sua doença, para que possam adotar uma atitude positiva na escola cura.
Nos últimos anos, o número de publicações que se referem à necessidade de promover atendimento integral a crianças doentes e hospitalizadas, não apenas do ponto de vista físico ou médico, mas também do ponto de vista psicológico e educacional (DE MANUELES, ORTIZ, SERRADAS, ESTALAYO, 2002).
Os professores trabalham em coordenação com a equipe médica e isso contribui para a melhora do humor das crianças, principalmente aquelas que, devido à sua patologia, precisam ser internadas por longos meses.
Sobre a regulamentação da Pedagogia em âmbito Hospitalar, Schike (2008, p. 16) afirma que:

Apenas em 2002 o Ministério da Educação, por meio da Secretaria da Educação Especial, regulamenta esse tipo de trabalho com a publicação do documento intitulado "Classe Hospitalar e Atendimentos pedagógicos domiciliar; estratégias e orientações." Que tinha por objetivo estruturar ações políticas de organização do sistema de atendimento educacional em ambientes hospitalares e domiciliares.

A denominação Classe Hospitalar aparece como acompanhamento didático ao ser hospitalizado, para que não ocorra uma defasagem no ensino regular do educando e consecutivamente um atraso cognitivo por conta de sua internação. Já a Pedagogia Hospitalar é o conjunto de ações pedagógicas que beneficiam o aprendizado do aluno/paciente, ou seja, uma modalidade está inserida na outra.
As classes hospitalares realizam atendimento educacional limitado apenas a uma situação de hospitalização em um período longo ou curto. O principal objetivo das salas de aula dos hospitais é que crianças entre 3 e 16 anos possam receber atenção educacional para reduzir os efeitos negativos da hospitalização, tanto em nível educacional quanto social.
A Secretaria de Educação Especial – SEESP/MEC reconhece a Classe hospitalar como sendo uma modalidade de atendimento educacional às crianças e jovens (internados) que necessitem de educação especial e que estejam em tratamento hospitalar (MEC/SEESP, 1994).
A internação hospitalar é algo que rompe com nosso modo de vida habitual e com nosso ambiente mais próximo em todos os níveis.
No caso de crianças pequenas, o modo de vida também se une à quebra de seu ambiente educacional e, possivelmente, ao atraso dos estudos ou, pelo menos, à interrupção do ritmo de treinamento que cada criança adolescente havia estabelecido antes da hospitalização. Se observarmos também que, atualmente, devido à conformação do nosso sistema educacional, há um alto percentual de reprovação escolar, isso também pode ser abundante nesta última questão.
Considerando que a atividade é realizada dentro de um hospital e que cada uma das

crianças é hospitalizada por diferentes patologias, a atividade dos professores será especialmente delicada, pois as circunstâncias que cercam a criança hospitalizada devem ser levadas em consideração.
Portanto, o trabalho do professor nas salas de aula do hospital geralmente visa fortalecer a criatividade das crianças, bem como melhorar suas habilidades e usar novas tecnologias. Dessa forma, pretende-se obter uma integração sócio emocional nas crianças, evitando assim um sentimento de angústia e isolamento nelas.
Mas tudo isso não é apenas o trabalho dos professores nas salas de aula dos hospitais, pois os pais desempenham um papel essencial em tudo isso. Eles são o maior apoio psicológico e emocional das crianças; portanto, o contato com os pais deve ser contínuo para que eles possam fornecer informações sobre as crianças e, por sua vez, poder ter contato com a escola da criança.
Por sua vez, o contato com a equipe de saúde do hospital também é importante, pois são eles que podem indicar principalmente aos professores nas salas de aula do hospital o estado de saúde em que o menino ou a menina estão e atuam como motivadores para os pequenos assistirem à sala de aula.
De acordo com Esteves (2002, p. 13):

A Pedagogia Hospitalar é uma modalidade de Educação que visa melhorar a Qualidade de Vida da criança hospitalizada, portanto afastada de seu meio social e do contato com o mundo exterior. Sua visão humanística permite olhar para criança tomando-a como um ser global, seu objetivo é atender de forma global e humana (filosofia humanística) os alunos que estão impossibilitados de frequentar as salas de aulas nas escolas da rede regular de ensino.

Como pode se perceber, o trabalho das salas de aula do hospital é essencial durante a permanência das crianças no hospital para ajudá-las a facilitar academicamente a continuidade do processo de ensino-aprendizagem e psicologicamente por meio de atividades que evitam a sensação de angústia e isolamento neles e em suas famílias.

O PAPEL DO EDUCADOR TRABALHANDO COM O LÚDICO

O papel do professor enquanto educador é de auxiliar a criança na estruturação das brincadeiras, o que organiza sua base, oferta diferentes objetos, fantasias, jogos, delimitação do espaço e o tempo para brincar.
Por meio do lúdico, o professor pode observar e construir uma visão do processo de desenvolvimento das crianças em conjunto e individual.
Assim poderá oferecer às crianças materiais adequados e um espaço estruturado para brincar, permitindo o enriquecimento das competências imaginativas, criativas e organizacionais.
O professor deverá organizar situações para que as brincadeiras ocorram de diversas maneiras, possibilitando à criança oportunidade de escolher os temas, papéis, companheiros com quem deseja brincar ou jogos de regras e de construção, para que elaborem de maneira pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais.
Toda ação do educador deverá ser refletida, planejada, executada e avaliada, pois compete a ele respeitar o brincar da criança, oferecendo diversidade de brincadeiras para que ela possa adquirir novas experiências e novos conhecimentos.
Portanto, a brincadeira não é inata, mas aprendida, através da imitação (segundo estudos de Piaget). Por isso é importante ensinarmos as crianças a brincarem, desenvolvendo uma grande variedade de brincadeiras para, posteriormente, fazerem suas próprias escolhas. A criança, ao fazer a relação com tudo que o cerca, se socializa, é capaz de cooperar e com isso consegue distinguir diferentes opiniões. A linguagem se desenvolve mais, sendo possível respeitar as regras. A atividade lúdica se caracteriza, pois, pelo jogo de regras.
As brincadeiras cantadas incentivam a representação, contribuem para a socialização e auxiliam o desenvolvimento da linguagem. As atividades lúdicas desenvolvem as noções de espaço-temporal. As brincadeiras com regras fixas (pelas crianças) ajudam na compreensão de normas, desenvolvimento de hipóteses, a superação dos erros, favorecem uma maneira da criança construir o conhecimento através das relações determi-

nadas. O brincar é uma aprendizagem fundamental para o ser humano.
A escola deve facilitar a aprendizagem, utilizando-se de atividades lúdicas que criem um ambiente alfabetizador para favorecer o processo de aquisição da autonomia da aprendizagem, pois as atividades lúdicas facilitam para a criança o progresso de sua personalidade integral.
As atividades lúdicas, quando direcionadas à alfabetização e o ensino da língua materna, são possíveis, pois é por meio delas que se integram o prazer e o aprender, saber e fazer.
Entende-se que o processo de alfabetização de crianças deva ser realizado com prazer e construção e que a estratégia lúdica vem se configurando como uma importante ferramenta para o desenvolvimento infantil e aquisições formais.
O professor precisa da prática para constituir a sua identidade profissional e somente a formação inicial não pode ser considerada a fonte formadora da prática do docente. Buscar significados coletivos que permeiam a identidade profissional docente, seus saberes e fazeres, é a proposta que vai ao encontro do sentido individual, da singularidade, constituindo cada professor no locus da prática pedagógica, a sala de aula.
Fontes distintas de saberes convergem para a construção dos conceitos de alfabetização e de letramento dos professores alfabetizadores que participaram da pesquisa, mas a ênfase recaiu sobre as concepções que foram explicitadas pelos professores na investigação ao falar sobre o que entendem por letramento e como a leitura e a escrita estão presentes na sua vida e nas suas práticas pedagógicas.

DOCÊNCIA E OS MÉTODOS FACILITADORES DE APRENDIZAGEM

A docência é uma prática complexa que vai além da simples transmissão de conhecimento. O papel do educador se torna fundamental na criação de um ambiente propício ao aprendizado, onde os alunos se sintam motivados e engajados. Para isso, a utilização de métodos facilitadores de aprendizagem é essencial, pois esses métodos promovem a participação ativa dos estudantes e favorecem a construção do conhecimento de forma colaborativa.
Um dos métodos eficazes é a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), que envolve a apresentação de um problema real aos alunos, estimulando-os a pesquisar e analisar para encontrar soluções. Isso desenvolve habilidades críticas e criativas, preparando-os para situações do cotidiano. Outro método importante é a Aprendizagem Colaborativa, onde os alunos trabalham em grupos para discutir, resolver problemas e compartilhar conhecimentos, enriquecendo o aprendizado e promovendo uma troca valiosa de experiências.
Com a crescente integração das tecnologias digitais, o ensino híbrido surge como uma abordagem inovadora que combina o ensino presencial com o aprendizado online. Essa flexibilidade permite que os alunos estudem em seu próprio ritmo e aprofundem os temas de interesse, adaptando-se a diferentes estilos de aprendizagem. Por sua vez, a gamificação, que utiliza elementos de jogos no processo educativo, torna o aprendizado mais dinâmico e atraente, transformando as atividades em experiências envolventes e motivadoras.
A Aprendizagem Baseada em Projetos (ABPj) também se destaca, pois envolve os alunos em projetos com propósito significativo. Esse método não apenas desenvolve a colaboração e o pensamento crítico, mas também relaciona a teoria à prática, proporcionando um aprendizado mais contextualizado. Nesse cenário, o educador atua como mediador do conhecimento, facilitando a aprendizagem ao incentivar a curiosidade, o questionamento e a reflexão. É fundamental que o docente adapte suas abordagens para atender à diversidade de ritmos e estilos dos alunos.
Portanto, a docência moderna exige inovação e adaptação constantes. Os métodos facilitadores de aprendizagem são componentes-chave para um ensino eficaz e transformador, pois não apenas engajam os alunos, mas também os preparam para desafios futuros, desenvolvendo competências que vão além do conteúdo curricular. Investir na formação e no uso desses métodos é essencial para a construção de uma educação mais dinâmica e inclusiva.
Dentre das reflexões sobre a docência na al-

fabetização e o modo ou método abordado um recurso hoje muito utilizado é o lúdico na sala de aula, com brincadeiras e jogos que introduzem o aluno no mundo acadêmico fazendo com que a criança seja participante da construção do seu processo de aprendizagem.

As crianças passam por etapas diferentes, que vão evoluindo ao longo todas as suas vidas e adquirem amplo desenvolvimento de suas funções cognitivo, social e desenvolvimento psicomotor.

A inserção da ludicidade nas aulas faz-se, necessária para criar um ambiente alfabetizador, proporcionar a inter relação entre o aluno e professor, facilitando o processo de ensino aprendizagem. Bem como a formação profissional também se faz necessária. Pois, hoje temos vários profissionais que, não sabem trabalhar com este método de ensino.

As crianças pequenas passam um tempo considerável em ambientes educacionais, nos quais tradicionalmente sua principal ocupação é brincar. Um ambiente lúdico na pré-escola tem sido relacionado a um melhor desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Embora se presuma que os comportamentos lúdicos dos professores são importantes na criação de um ambiente escolar lúdico, falta conhecimento empírico sobre esse assunto.

De acordo com Santos (2012):

> Ao longo dos anos podemos comprovar que a utilização de procedimentos metodológicos que envolvem brincadeiras, jogos e brinquedos tende a contribuir com mais facilidade para o processo de ensino e aprendizagem da criança na formação de atitudes como: cooperação; socialização; respeito mútuo; interação; lideranças, criatividade, personalidade e autonomia, que favorecem a construção do conhecimento do educando. (SANTOS, 2012, p.32)

As crianças pequenas passam um tempo considerável em ambientes educacionais, nos quais tradicionalmente sua principal atividade é brincar. A brincadeira e a brincadeira são consideradas características básicas da educação infantil e têm sido relacionadas ao desenvolvimento social, emocional e cognitivo.

Um ambiente escolar lúdico tem sido relacionado ao maior envolvimento da criança nas brincadeiras e a um melhor aprendizado e desenvolvimento. No entanto, apesar da extensa literatura sobre como criar um ambiente educacional lúdico e a suposição intuitiva comum sobre a importância dos comportamentos lúdicos dos professores na promoção de um clima lúdico nas aulas e no desenvolvimento das brincadeiras e brincadeiras das crianças, falta conhecimento empírico sobre o assunto. Primeiro, a brincadeira de adultos e especificamente de professores é menos estudada em comparação com as crianças. Além disso, a relação entre a brincadeira dos professores e das crianças dificilmente foi examinada empiricamente, tanto quanto sabemos.

A maneira como as crianças brincam pode ser capturada de maneiras diferentes; uma delas é através da brincadeira. A brincadeira não apenas captura o mecanismo da brincadeira, mas também aborda a abordagem geral da criança em relação à brincadeira.

A criança vive num mundo de significações, onde os gestos querem dizer alguma coisa, o corpo tem um sentido que pode sempre ser interpretado e traduzido.

Na visão de LaPierre e Aucouturier (2004, p. 231) “existem os comportamentos inatos que a criança manifesta e comportamentos aprendidos”.

Os comportamentos adquiridos das aprendizagens básicas podem ser considerados como os de higiene pessoal e alimentação, fazem parte da formação da personalidade e da imagem corporal. O desenvolvimento psicomotor da criança é de fundamental importância para sua vida. É preciso que a criança possa assimilar cada um de seus progressos antes de adquirir um novo.

Gonzaga nos diz que a habilidade de planejar, estabelecer metas para o ensino-aprendizagem, realizar intervenções e é claro, mudar quando for necessário, mudar a prática pedagógica, deve ser uma constante na vida do profissional da educação. A prática pedagógica do profissional é fundamental para que os objetivos sejam alcançados com eficiência, Gonzaga nos faz refletir sobre,

> (...) a essência do bom professor está na ha-

bilidade de planejar metas para aprendizagem das crianças, mediar suas experiências, auxiliar no uso das diferentes linguagens, realizar intervenções e mudar a rota quando necessário. Talvez, os bons professores sejam os que respeitam as crianças e por isso levam qualidade lúdica para a sua prática pedagógica. (GONZAGA, 2009, p.39)

Gonzaga afirma que um bom profissional deve manter-se em constante atualização, sempre procurando algo novo que possa acrescentar em sua prática ou até mesmo no seu aprendizado. O professor, planeja, atinge metas estabelecidas, não só pela instituição que leciona, mas metas pessoais estabelecidas dentro de sua sala de aula.

Embora a literatura sobre a brincadeira de adultos tenha crescido nos últimos anos, ela ainda é pouco estudada em comparação à brincadeira de crianças. Os indivíduos que são divertidos são tipicamente engraçados, bem-humorados, espontâneos e têm maior probabilidade de agir de maneira lúdica, brincando, provocando, fazendo palhaçadas e sendo tolos.

Estudos existentes mostraram que a diversão dos adultos está relacionada ao bem-estar, sensação de felicidade, satisfação nos relacionamentos e autos estimativas mais elevadas de engenhosidade e criatividade. Especificamente, a pesquisa indica que a diversão está positivamente relacionada à satisfação e ao desempenho no trabalho.

Por meio de comportamentos lúdicos, o professor poderia criar um ambiente que permitisse às crianças expressar maior alegria e ser mais criativo e flexível nas brincadeiras.

Ao se enquadrar à atividade lúdica no contexto educacional, o professor deve ter seus objetivos bem claros, devendo definir, previamente, em função das necessidades e dos interesses do grupo e segundo seus objetivos, qual é o espaço de tempo que o jogo irá ocupar em suas atividades cotidianas. Deve também definir os espaços físicos, aonde esses jogos e as brincadeiras irão se desenvolver: dentro da sala de aula, no pátio ou em outros locais.

É fundamental colocar a criança em situações de aprendizagem, em que possa utilizar suas próprias elaborações sobre a linguagem, ou seja, integrar o conhecimento espontâneo da criança ao ensino, dando-lhe maior significado.

A criança constrói seu sistema interpretativo, pensa, raciocina e inventa, buscando compreender esse objeto social complexo que é a escrita.

O jogo é uma atividade mais estruturada e constituída por um princípio de regras mais diretas, já a brincadeira tem uma associação mais característica com o universo infantil, significa divertimento, entretenimento, passatempo, mas não necessariamente brincar por brincar, pedagogicamente falando sempre é possível tornar o brincar em uma situação de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança hospitalizada, mesmo por um curto período de tempo, pode sofrer vários distúrbios psicológicos. Para evitar os possíveis efeitos negativos que a hospitalização pode ter sobre o paciente pediátrico, a atividade pedagógica - como complemento à ação médica - leva uma carta da natureza há anos em muitos países europeus diferentes.

Partindo do pressuposto de que a educação está presente em toda parte e que a escola não é o único espaço para que ela aconteça, e de que a pedagogia traz consigo o cuidado com a criança, a atenção à infância e o olhar crítico sobre o processo educativo, pudemos então perceber que tem sido cada vez mais recorrente a ocupação dos pedagogos em espaços não escolares.

A atividade pedagógica como complemento à ação médica em hospitais, leva carta da natureza há anos em muitos países. Sabemos que nas últimas décadas os departamentos infantis foram fechados, mesmo para os pais e nesse ambiente rígido não havia lugar para a educação das crianças.

Precisa-se refletir a respeito das classes hospitalares, para que essas estejam sempre presentes nos hospitais aos quais existem pacientes na fase escolar, dando continuidade aos conteúdos que a criança hospitalizada estaria aprendendo na sala de aula regular.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n.º 9394/96 de 20/12/1996.

Disponível em: http://portal.mec.gov.br/ Acesso em 2 nov. 2025.

_____. Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações. Disponível em: http://.mec.gov.br/sessp/pdf/livro09.pdf. Acesso em: 04 dez. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação especial. Política Nacional de Educação Especial. Brasília: MEC, 1994.

CARDONE, PIA e MONSALVE, CLARGINA. (2010). Pedagogia Hospitalar Uma proposta educacional. Caracas: Fundo Editorial da Universidade Pedagógica Experimental Libertador.

CECCIM, R. B.; CARVALHO, P. R. A. (orgs). Criança Hospitalizada: atenção integral como escuta à vida, Porto Alegre: UFRGS, 1997.

DE MANUELES, Julio, et. al. Necessidade de assistência educacional à criança hospitalizada. Ensino: Anuário Didático da Interuniversidade, Salamanca, v. 20, p. 243-258, 2002.

ESTEVES, C. R. Pedagogia Hospitalar: um breve histórico. Disponível em <http://www.santamarina.g12.br. Acesso em: 10 dez. 2025.

FONSECA, Eneida Simões da. Atendimento escolar no ambiente hospitalar. São Paulo: ed. Memnon, 2003.

GONZAGA. Rúbia Renata das Neves. A importância da formação lúdica para professores de educação infantil. Revista Maringá Ensina nº 10 – fevereiro/abril 2009. (p. 36-39)

GUILLÉN, MANUEL e MEJIA, ÁNGEL. (2002) Apresentações educacionais em salas de aula de hospitais. Madri: Narcea.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles; FREITAS Soraia Napoleão. Classe hospitalar: um olhar sobre sua práxis educacional. Disponível em: http://www.inep.gov.br/PESQUISA/BBE-ONLINE/det.asp?cod=57131&type Acesso em 2 dez. 2025.

PEREZ Serrano, GLÓRIA. (2004). Pedagogia Social-Educação Social: construção e intervenção científica. Madri: Narcea.

SCHILKE, Ana Lucia T. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM ESPAÇO HOSPITALAR. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2008.

SANTOS, Santa Marli pires dos. Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

VIOLANTE, Veronica. (2010). Artigo apresentado no Primeiro Congresso Latino Americano e do Caribe, Pedagogia hospitalar hoje em dia, políticas e formação profissional. Cidade do México.